

# **IV JORNADAS DE ARQUEOLOGIA DO VALE DO TEJO**

## **LIVRO DE RESUMOS**



**IV** JORNADAS  
DE ARQUEOLOGIA  
do Vale do Tejo



**Auditório do Edifício de  
São Francisco  
2 a 4 de junho  
Chamusca**

**Lisboa  
2017**



**CENTRO PORTUGUÊS  
DE GEO-HISTÓRIA  
E PRÉ-HISTÓRIA**

# IV Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo: (Livro de resumos)

**Editores:**  
Silvério Figueiredo  
Ana Rita Pimenta

**Nome:** IV Jornadas de Arqueologia: Livro de Resumos

**Primeira edição:** maio de 2017

**Tiragem:** 100 exemplares

**ISBN:** 978-989-96416-5-5

**Editores:** Silvério Figueiredo

Ana Rita Pimenta

**Edição:** Centro Português de Geo-História e Pré-História

**Copyright © 2017 Centro Português de Geo-História e Pré-História**

Sem autorização expressa do editor, não é permitida a reprodução parcial ou total deste livro de resumos, desde que tal reprodução não decorra das finalidades específicas da divulgação e da investigação das temáticas contidas neste livro.

## Índice

Comissões	4
Apresentação	5
Programa	7
Resumo das Comunicações	9
Pósteres	23

**HONRA**

**Dr. Paulo Queimado**

(Presidente da Câmara Municipal da Chamusca)

**CIENTÍFICA**

**Fernando Coimbra**

(Centro Português de Geo-História e Pré-História, Lisboa; Instituto Terra e Memória, Mação; Centro de Geociências – Universidade de Coimbra)

**João Caninas**

(Associação de Estudos do Alto Tejo; CHAIA - Universidade de Évora)

**Luiz Oosterbeek**

(Instituto Politécnico de Tomar; Instituto Terra e Memória, Mação; Centro de Geociências – Universidade de Coimbra)

**Mário Varela Gomes**

(Universidade Nova de Lisboa)

**Pedro Proença Cunha**

(Grupo de Investigação - Sistemas Sedimentares, Hidrodinâmicas e Mudanças globais Departamento de Ciências da Terra; Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra)

**Pierluigi Rosina**

(Instituto Politécnico de Tomar; Centro de Geociências – Universidade de Coimbra Universidade de Coimbra)

**Sara Cura**

(Museu de Arte Pré-Histórica e do Sagrado do Vale do Tejo, Mação)

**Silvério Figueiredo**

(Centro Português de Geo-História e Pré-História, Lisboa; Instituto Politécnico de Tomar; Centro de Geociências – Universidade de Coimbra)

**ORGANIZADORA**

**Silvério Figueiredo**

(Centro Português de Geo-História e Pré-História)

**Fernando Coimbra**

(Centro Português de Geo-História e Pré-História)

**Mário Santos**

(Centro Português de Geo-História e Pré-História)

**Rita Pimenta**

(Centro Português de Geo-História e Pré-História)

O Vale do Tejo é uma região muito rica em vestígios arqueológicos. Nela estão documentadas várias ocupações humanas desde o Paleolítico Inferior. Existem inúmeras estações arqueológicas espalhadas pelas margens do rio e dos seus afluentes. Devido à sua importância científica, inúmeros arqueólogos, nacionais e estrangeiros, têm investigado, estudado e publicado vários artigos, livros e teses sobre a arqueologia do maior rio que atravessa Portugal. Destes investigadores pode destacar-se, os nomes de Carlos Ribeiro, o “pai” da arqueologia pré-histórica portuguesa, Georges Zbyszewski, Veiga Ferreira e, mais recentemente, João Luís Cardoso, Luís Raposo, Luiz Oosterbeek, António Martinho Baptista, Mário Varela Gomes e José Rolão, entre muitos outros.

Por todas estas razões justificou-se a organização, pelo Centro Português de Geo-História e Pré-História, de umas jornadas dedicadas à arqueologia do Vale do Tejo, que tiveram lugar entre os dias 3 e 6 de Abril de 2008 e, mais tarde, um Congresso de Arqueologia da Bacia Hidrográfica do Tejo, que decorreram entre os dias 19 e 22 de Abril de 2011, no auditório do Museu da Cerâmica de Sacavém, em Loures, gentilmente cedido pela Câmara Municipal de Loures e ainda em 2013 a organização das II Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo, organizadas no Museu Nacional de Arqueologia. Nestas jornadas e congresso foram apresentadas várias comunicações de diversas áreas ligadas à arqueologia, como a pré-história, a arqueologia histórica e urbana, a arqueologia industrial, o património arqueológico, a antropologia física, a geoarqueologia e a arqueozoologia. Nestas comunicações foram apresentados conhecimentos atualizados sobre a arqueologia do Vale do Tejo.

Tal como nas edições anteriores, as III Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo, têm como principal objetivo apresentar e divulgar os trabalhos mais recentes de arqueologia e de história realizados no Vale do Tejo. Para além da participação dos inscritos com comunicações, estão também convidados arqueólogos e historiadores conceituados que irão apresentar palestras sobre temáticas centrais destas jornadas. Foram também convidados alguns jovens arqueólogos e historiadores, que estão a começar a desenvolver trabalhos de investigação no Vale do Tejo, a apresentarem comunicações sobre os seus trabalhos. Assim, estas jornadas têm também uma função de motivação para os arqueólogos que estão a dar os seus primeiros passos.

As Jornadas têm uma Comissão Científica constituída por arqueólogos de renome (portugueses e Espanhóis), que desenvolveram importantes trabalhos e investigações na região do Vale do Tejo.

Até ao momento, estas jornadas contam com 10 parceiros nacionais e internacionais. Um desses parceiros é a Comissão do Ano Internacional para o Entendimento Global e, por essa

razão optamos por salientar o Vale do Tejo como uma zona de contactos entre as comunidades humanas que se estabeleceram nessa região ao longo dos tempos. Assim, esta edição tem como subtítulo “compreensão das dinâmicas de interação a grandes distâncias ao longo dos tempos na Bacia do Tejo”.

## Dia 2 de junho

- 10:30 – **Receção dos participantes / Entrega das pastas**
- 10:45 – **Sessão de Abertura**
- 11:00 – **Sessão Paleontologia do Quaternário**
- **Silvério Figueiredo, Pedro Proença Cunha e Carlos Carvalho**  
*Jazidas com indústrias paleolíticas associadas a fósseis de *Paleoloxodon antiquus*, no Plistocénico do Baixo Tejo*
- **Silvério Figueiredo, Fernanda Sousa**  
*Registo de Bovídeos Plistocénicos em Portugal*
- 11:40 – **Discussão**
- 11:50 – **Pausa para Café**
- 12:00 – **Sessão Paleolítico**
- **Sara Cura**  
*Retrospectiva das Investigações e Metodologia no Estudo do Paleolítico Inferior no Vale do Tejo, em Território Português*
- **Júlio Manuel Pereira**  
*O Sítio Arqueológico da Foz da Ribeira da Fonte Santa (Concelho de Vila Nova da Barquinha)*
- **Nuno Pires**  
*Dados Preliminares Acerca das Recolhas de Superfície dos Lugares de Barreiros Vermelhos e da Cascalheira (Freguesia do Ladoeiro)*
- 13:00 – **Discussão**
- 13:10 – **Almoço (livre)**
- 14:30 **Sessão Paleolítico (cont.)**
- **Mário Santos**  
*Acerca da Coleção Paleolítica da Escola Secundária José Relvas (Alpiarça)*
- 14:50 – **Discussão**
- 15:00 – **Sessão de Pré-História Recente**
- **Alexandra Figueiredo, Cláudio Monteiro, Anderson Tognoli, Daivisson Santos, Fernando Coimbra, Alexandre Peixe, Sónia Simões, Ricardo Lopes**  
*O sítio arqueológico do Algar da Água: Dados preliminares da primeira campanha de escavação*
- **Pedro Cura**  
*Estudo experimental sobre padrões de fraturas, sobre pontas de seta de sítios arqueológicos do Mesolítico trentino: Protocolo e metodologia dos trabalhos experimentais*
- 15:30 – **Discussão**
- 15:45 – **Pausa para café**
- 16:00 – **Sessão Património Arqueológico e Arqueologia Preventiva (I)**
- **Raquel Raposo, Raquel Granja, Susana Bailarim, Susana Pires**  
*Dar história à História: primeiro balanço dos trabalhos arqueológicos na Igreja de Santa Maria da Várzea, Alenquer*
- **João Caninas, Francisco Henriques, Mário Monteiro, Paulo Félix e Catarina Gil**  
*Arqueologia de Oleiros: estado dos conhecimentos*
- 17:15 – **Discussão**



- 17:30 – **Silvério Figueiredo, João Carlos Caninas**  
*Apresentação do Livro de Atas das III Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo*

## Dia 3 de junho

- 10:30 – **Sessão Património Arqueológico e Arqueologia Preventiva (II)**  
– **Fernando Coimbra, Silvério Figueiredo, Alexandra Figueiredo, Pedro Proença Cunha, Raquel Lázaro, Rita Anastácio, António Martins, Mário Santos, Fernanda Sousa**  
*Novos dados para a Carta Arqueológica da Chamusca*  
– **Silvério Figueiredo, Pedro Proença Cunha, Rita Ferreira Anastácio, Mário Santos, Alexandra Figueiredo, Sofia Ferreira, Fernando Coimbra, Fernanda Sousa, António A. Martins**  
*Elaboração da Carta Arqueológica do Concelho da Golegã - uma síntese após um ano de trabalho*
- 11:15 – **Discussão**
- 11:30 – **Pausa para Café**
- 11:45 – **Raquel Lázaro**  
*Valorização da Chamusca Arqueológica*  
– **Mário Santos**  
*As Freguesias de Ulme e Carregueira: da pré-história à atualidade*
- 12:30 – **Discussão**
- 13:00 – **Almoço (livre)**
- 14:30 – **Ana Graça**  
*Chamusca 2002/2003 – vestígios arqueológicos na Mãe d'Água*  
– **João Belo**  
*Fotogrametria Aplicada ao Estudo e à Conservação do Património*
- 15:15 – **Discussão**
- 15:30 – **Pausa para Café**
- 15:45 – **Sessão Arte Rupestre**  
– **Pierluigi Rosina, Sara Garcês e Hipólito Collado**  
*À procura da cronologia das Pinturas Rupestres da Bacia do Tejo.*
- 16:15 – **Discussão**
- 16:30 – **Sessão de Romano**  
– **María Pilar Molina Torres**  
*Un estudio epigráfico de las devociones femeninas en el conventus Scallabitanus.*
- 17:00 – **Discussão**

## Jazidas com indústrias paleolíticas associadas a fósseis de *Paleoloxodon antiquus*, no Plistocénico do Baixo Tejo

Silvério Figueiredo<sup>1</sup>, Pedro P. Cunha<sup>2</sup>, C. Neto de Carvalho<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Centro Português de Geo-História e Pré-História, Largo de São Caetano, 2150-265 Golegã. [silverio.figueiredo@cpgp.pt](mailto:silverio.figueiredo@cpgp.pt); Instituto Politécnico de Tomar, Quinta do Contador, Estrada da Serra, 2300-313. Tomar. [Silverio.figueiredo@ipt.pt](mailto:Silverio.figueiredo@ipt.pt), Centro de Geociências da Universidade de Coimbra

<sup>2</sup> MARE – Centro de Ciências do Mar e do Ambiente, Departamento de Ciências da Terra, Universidade de Coimbra; Rua Sílvio Lima, Univ. Coimbra - Pólo II; 3030-790 Coimbra; [pcunha@det.uc.pt](mailto:pcunha@det.uc.pt)

<sup>3</sup> Geopark Naturtejo da Meseta Meridional – Geoparque Mundial da UNESCO. Serviço de Geologia do Município de Idanha-a-Nova, Centro Cultural Raiano, Av. Joaquim Morão 6060-101 Idanha-a-Nova; Instituto D. Luiz, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Campo Grande, 1749-016 Lisboa; [carlos.praedichnia@gmail.com](mailto:carlos.praedichnia@gmail.com).

**Palavras-chave:** *Paleoloxodon antiquus*, geoarqueologia, terraços fluviais, Baixo Tejo, Plistocénico

### Resumo

Sintetizam-se as principais características das jazidas com *Paleoloxodon antiquus*, em arquivos do Plistocénico do Baixo Tejo. Em contexto arqueológico, conhecem-se três jazidas: uma em gruta em maciço calcário e duas em estratigrafia em depósitos de terraços do rio Tejo (Santo Antão do Tojal e Foz do Enxarrique). Na jazida da Praia dos Bifaces (Complexo cársico do Almonda, Torres Novas), foi encontrada uma lamela de dente de elefante associada a uma abundante indústria acheulense; esta ocorrência foi datada de ca. 150 ka (Séries de U).

Em Santo Antão do Tojal (Loures, troço IV do Baixo Tejo), foram descobertos restos de *P. antiquus*, um deles com duas lascas de sílex cravadas, em camada argilosa do topo dos depósitos do terraço T5 (datado de 135 a 73 ka; OSL). Um dos ossos foi datado em 81,9 +4,0/-3,8 ka (Séries de U) e a camada imediatamente acima em 81 ± 4 ka (OSL - pIRIR).

O nível fossilífero com *P. antiquus* e indústria mustierense de Foz do Enxarrique (Vila Velha de Ródão, troço IV do Baixo Tejo) foi datado de 34 ka (Séries de U, isócrona com três dentes), localizada no terraço T6 (datado por OSL, de ca. 62 a 31 ka).

Localizam-se no Carregado (troço IV do Baixo Tejo), em depósitos de terraço (provavelmente do T6), as jazidas fossilíferas de Meirinha, Casal do Torcato e Quinta do Campo com restos de *P. antiquus*, que se encontram sem qualquer associação arqueológica.

As ocorrências de *P. antiquus*, no Baixo Tejo, indicam que desde 150 ka (pelo menos) aos ca. 30 ka esta espécie conseguiu aqui sobreviver aos períodos interglaciários e aos glaciários, bem como às ações dos humanos primitivos. Durante este intervalo não é espectável que existissem comunicações terrestres que permitissem às comunidades a migração para sul (para África), a partir da Península Ibérica,

durantes os períodos glaciários. O clima frio e seco, que aqui se verificou entre 32 e 12 ka, gerou uma unidade de cobertura formada por areias eólicas e deve ter levado ao desaparecimento de *P. antiquus* em Portugal.

Em Portugal existem outras ocorrências de *P. antiquus*: na Mealhada (com indústria), Condeixa-a-Velha (com indústria), no Algar de João Ramos (Alcobaça), em Santa Cruz (S. Cacém), na gruta de Figueira Brava (com indústria; 30-31 ka, por C<sup>14</sup>) e Praia do Malhão. O Campo Dunar do Malhão, datado do Plistocénico médio a superior, é particularmente relevante uma vez que foram aqui descritas, pela primeira vez a nível mundial, formas de comportamento locomotor e gregário associadas a *P. antiquus*. A relação das pegadas do tipo *Proboscipeda panfamilia* com esta espécie vê-se agora reforçada pela associação de um molar encontrado no mesmo contexto estratigráfico.

## Registo de Bovídeos Plistocénicos em Portugal

Silvério Figueiredo<sup>1</sup>; Fernanda Sousa<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Instituto Politécnico de Tomar; Centro Português de Geo-História e Pré-história; Centro de Geo-Ciências (UC)  
silverio.figueiredo@ipt.pt

<sup>2</sup> Centro Português de Geo-História e Pré-história

**Palavras-Chave:** Bovídeos; Plistocénico; Portugal; Tafonomia; taxonomia

### Resumo

Os restos de bovídeos pleistocénicos encontrados em Portugal distribuem-se por três espécies: *Bos primigenius*, *Capra pyrenaica* e *Rupricapa rupricapa*. A primeira espécie encontra-se extinta desde o século XVII, enquanto as segundas, encontram-se, em estado selvagem, confinadas às regiões montanhosas. O *Bos primigenius* era um boi selvagem de grandes dimensões que vivia fundamentalmente em pradarias e bosques abertos e estava mais adaptado a climas quentes e húmidos. Por sua vez a *Capra pyrenaica* e *Rupricapa rupricapa* vivem em zonas montanhosas, escarpadas e rochosas. Ambas as espécies existem na Península Ibérica, mas enquanto a primeira está referenciada em Portugal, a segunda só existe nas zonas montanhosas a norte da Península. No verão habitam as zonas mais altas enquanto, de inverno descem para zonas mais baixas de floresta, especialmente onde dominem os pinheiros, e são mamíferos mais adaptados a climas frios.

Em Portugal existem 24 jazidas com restos de bovídeos, todas elas em contexto associadas a ocupações humanas. Os restos destes animais aparecem inseridos em jazidas de grutas, a maioria, e em terraços quaternários. Quase a totalidade destas jazidas data do Plistocénico Superior (entre os 110/130 mil anos, a mais antiga: Mealhada, e os 18 mil anos, a mais recente: Algar de Cascais) existindo apenas uma datada do Plistocénico Médio: Galerias Pesadas (Almonda), com 241 mil anos.

# **Retrospectiva das Investigações e Metodologia no Estudo do Paleolítico**

## **Inferior no Vale do Tejo, em Território Português**

Sara Cura<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Museu de Arte Pré-Histórica de Mação - Instituto Terra e Memória – Largo Infante D. Henrique, 6120-750 Mação; Grupo “Quaternário e Pré-História” do Centro de Geociências da Universidade de Coimbra; Instituto Politécnico de Tomar – 0saracura0@gmail.com

**Palavras-chave:** Vale do Tejo; Paleolítico Inferior; Metodologia

### **Resumo**

A comunicação apresenta uma retrospectiva das investigações e metodologias no estudo do Paleolítico Inferior no Vale do Tejo em território português. No âmbito das ocupações do Paleolítico Inferior português, esta é a região mais estudada, sendo mesmo a região onde se desenvolveram os primeiros trabalhos já no final do século XIX. Com mais de um século de investigação são vários os sítios aqui encontrados e estudados que se constituem como referência nacional para o estudo do Paleolítico Inferior. A história das investigações nesta região reflete, no plano metodológico, a evolução internacional da arqueologia deste período. Sendo que em Portugal os avanços metodológicos chegaram sempre com algum atraso comparando com o seu referencial, sobretudo francês e mais recentemente anglo-saxónico e norte americano. Embora seja a região mais estudada, muito longe está de se esgotar o seu potencial informativo sobretudo à luz dos mais recentes quadros metodológicos de investigação aqui aplicados.

## **O Sítio Arqueológico da Foz da Ribeira da Fonte Santa**

### **(Concelho de Vila Nova da Barquinha)**

Júlio Manuel Pereira

**Palavras-chave:** Paleolítico Inferior, Acheulense, Líticos

### **Resumo**

Este sítio arqueológico, hoje totalmente destruído para dar lugar à construção do Centro Náutico de Constância, localiza-se na freguesia da Praia do Ribatejo, concelho de V<sup>a</sup> N<sup>a</sup> da Barquinha, num depósito de terraço fluvial (Q2) sobreposto a formações migmatíticas e de gnaisses, numa zona declivosa, que se inicia junto à estrada municipal, à cota aproximada de 45 metros de altitude, mesmo em frente a Constância, na margem esquerda da Ribeira da Fonte Santa, último afluente da margem direita do Rio Zêzere e se estende até à margem deste rio.

Nos trabalhos prévios àquela construção, o terraço foi completamente desmantelado e intensamente revolvido com máquinas, o que não impediu a deteção e recolha, à superfície, nas terras removidas, a meia encosta, de macro-artefactos em quartzito - alguns verdadeiramente de dimensões excepcionais - constituídos por utensílios sobre lasca e seixos talhados, bem como lascas com sinais de

utilização e um núcleo de dimensões verdadeiramente excepcionais, com negativos de grandes lascas, além de dois bifaces.

As condições de revolvimento intenso do terreno impediriam a possibilidade de localizar algum local onde se pudessem encontrar artefactos *in situ* e respetiva estratigrafia, não havendo também condições para sugerir às entidades competentes a realização de uma ação de salvaguarda de emergência. Infelizmente, as condições em que foram recuperados os materiais, recolhidos à superfície e em contexto remexido, não permitem caracterizar o tipo de ocupação que ali terá existido, mas, apesar de tudo, parecem constituir um conjunto com algumas características uniformes que apontam claramente para uma ocupação do Paleolítico Inferior, mais propriamente para o período Acheulense, ainda que possam representar diferentes fases da evolução desse período.

## **Dados Preliminares Acerca das Recolhas de Superfície dos Lugares de Barreiros Vermelhos e da Cascalheira (Freguesia do Ladoeiro)**

Nuno Pires<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Centro Português de Geo-História e Pré-História, Largo de São Caetano, 2150-265 Golegã.

**Palavras-Chave:** Beira Baixa; artefactos líticos; Paleolítico; Neolítico

### **Resumo**

A Pré-história da região da Beira Baixa é muito rica, embora em algumas zonas desta região, os estudos acerca deste período encontram-se ainda numa fase um pouco incipiente. Essa lacuna da investigação a que nos referimos significa que a informação disponível tem resultado, essencialmente, de circunstâncias ocasionais, provenientes de achados casuais, prospeções, informação resultante de acompanhamentos arqueológicos de e de prevenção e salvaguarda. A freguesia de Ladoeiro é precisamente uma dessas zonas menos estudadas.

Apresentam-se os resultados da recolha de vários artefactos líticos na freguesia de Ladoeiro (concelho de Idanha a Nova, distrito de Castelo Branco). Os sítios de Barreiros Vermelhos e da Cascalheira foram descobertos durante um passeio pedestre. No decorrer desse passeio foram identificados, Seixos talhados, Lascas, Núcleos, Raspadores, Machado de Pedra polida, Resto de talhe, num total de 137 peças.

A matéria prima dos materiais assenta essencialmente no quartzito com uma incidência de 58%, seguido do quartzo com 17%, quartzo leitoso 14%, sílex com 6%, quartzo hialino 3% e com 1% o granito e anfibólito. O estudo do material lítico permitiu enquadrar o sítio em termos cronológicos, ou seja, um raspador em quartzito e um núcleo *Levallois* erosionado em quartzito, atribuído ao Paleolítico Médio e um Machado de pedra polida do Calcolítico.

# Acerca da Coleção Paleolítica da Escola Secundária José Relvas (Alpiarça)

Mário Santos<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Centro Português de Geo-História e Pré-História

**Palavras-Chave:** Alpiarça, quartzito, Acheulense, Zbyszewski

## Resumo

Em Alpiarça existem vários registos da ocupação humana. A ocupação humana deste concelho remonta ao Paleolítico Inferior, do qual se conhecem algumas das estações pré-históricas mais importantes dos terraços plistocénicos do Vale de Tejo, que contêm um registo arqueológico constituído predominante por indústrias de quartzito, que foram estudadas por importantes nomes da arqueologia, dos quais se destacam entre outros, Georges Zbyszewski, Henri Breuil e Luís Raposo. Esta comunicação pretende apresentar o acervo arqueológico depositado na Escola EB 2,3/S José Relvas, que foi doado pela AIDIA (Associação Independente para o Desenvolvimento Integrado de Alpiarça). Este estudo foi realizado no âmbito dos Estágio de Final de Curso de Arqueologia, do Instituto Politécnico de Tomar, em 2007).

## O sítio arqueológico do Algar da Água: Dados preliminares da primeira campanha de escavação

Alexandra Figueiredo<sup>1,2</sup>, Cláudio Monteiro<sup>3</sup>, Anderson Tognoli<sup>1</sup>, Daivisson Santos<sup>1</sup>, Fernando Coimbra<sup>2,4</sup>, Alexandre Peixe<sup>1</sup>, Sónia Simões<sup>3</sup>, Ricardo Lopes<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Instituto Politécnico de Tomar, Quinta do Contador, Estrada da Serra, 2300-313. Tomar. [alexfig@ipt.pt](mailto:alexfig@ipt.pt).

<sup>2</sup> Centro de Geociências da Universidade de Coimbra

<sup>3</sup> CAA - Portugal

<sup>4</sup> Centro Português de Geo-História e Pré-História, Largo de São Caetano, 2150 – 265 Golegã;

**Palavras-chave:** Cavidade natural; Serra; Nabão; Pré-História recente; Proto-história; Período Clássico; Arte proto-histórica;

## Resumo

O sítio arqueológico do Algar da Água é uma extraordinária cavidade natural localizada no topo da serra de Alvaiázere, integrada no interior das muralhas que rodeiam a serra e o habitat da Idade do Ferro que a domina. O local foi intervencionado pela primeira vez em maio de 2017, tendo sido escavada uma área de cerca de 25m<sup>2</sup>.

O registo observado apresenta uma ocupação que se prolonga da pré-história recente aos nossos dias. Também, as paredes da cavidade são testemunho dessas ocupações tendo-se identificado uma série de gravuras em filiforme, abrasão, raspagem e picotado, bem como uma

possível pintura a vermelho que integramos cronologicamente na pré-história recente ou proto-história. Registou-se ainda uma possível inscrição pré-romana e uma grande quantidade de grafitos e inscrições recentes.

Os trabalhos ainda que preliminares permitem concluir que o momento dois níveis de ocupação concretos, um referente à pré-história e outro clássico/medieval, onde observamos, neste último, de forma ainda parcial, uma grande lareira.

## **Estudo experimental sobre padrões de fraturas, sobre pontas de seta de sítios arqueológicos do Mesolítico trentino: Protocolo e metodologia dos trabalhos experimentais**

Pedro Cura

**Palavras-chave:** Arqueologia experimental, pontas de seta, Mesolítico

### **Resumo**

Os projéteis são normalmente interpretados como ferramentas usadas para caçar. As suas propriedades balísticas e eficácia para matar variam de acordo com vários fatores:

- a) Morfologia dos projéteis (como o tamanho, peso capacidade de penetração e função de corte, técnica de encabamento e outros);
- b) Condições ambientais (como o comportamento da presa, vegetação local e assim por diante);
- c) Propriedades balísticas e técnicas (como a inclinação do tiro, a força e dimensão do arco ou outra arma de arremesso);
- d) objetivo do projétil (se é para ser mais eficaz a cortar ou a penetrar).

Estas variáveis são de difícil manipulação em contexto experimental. A principal razão para isto deve-se á grande quantidade de tempo, esforço e custo que um processo experimental requiere de modo a verificar as consequências, nomeadamente fraturas de impacto e microdesgaste – de acordo com qualquer uma destas variáveis. Neste trabalho apresentamos um processo experimental levado a cabo com o objetivo de detetar padrões de impacto. Em ambiente controlado foram disparadas cem setas contra diferentes alvos. Foram produzidas pontas de seta líticas morfologicamente padronizadas – de duplo dorso de modo a evitar qualquer similaridade com peças arqueológicas de género; mais ainda, o objetivo da sua função é o de penetrar e não o de cortar o alvo. Os resultados obtidos permitem considerar novas perceções sobre o mundo do projeteis. Os resultados experimentais foram comparados com as industrias líticas gravetenses de Riparo Mochi (Balzi Rossi, grutas Grimaldi, Itália) onde foram encontradas centenas de pontas de seta de dorso.

# **Dar história à História: primeiro balanço dos trabalhos arqueológicos na Igreja de Santa Maria da Várzea, Alenquer**

Raquel Raposo<sup>1</sup>, Raquel Granja<sup>2</sup>, Susana Bailarim<sup>1</sup>, Susana Pires<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Arqueóloga (SPB/REHIS - Reconstrução e Reabilitação Histórica, Lda)

<sup>2</sup> Bioantropóloga (SPB/REHIS - Reconstrução e Reabilitação Histórica, Lda)

**Palavras-chave:** Arqueologia Preventiva; Património; Requalificação

## **Resumo**

Entre 7 de Setembro de 2015 e 8 de Junho de 2016 decorreram, inseridos na Categoria C, e sob coordenação científica das signatárias, trabalhos arqueológicos no antigo edifício da Igreja de Santa Maria da Várzea, em Alenquer, a qual era Paróquia já em 1203.

Os trabalhos, decorridos no âmbito de obras que se prestaram à reconversão do imóvel num espaço expositivo dedicado a Damião de Goes - que ali foi batizado e sepultado - e a todas as vítimas da Inquisição, permitiram aferir uma diacronia na ocupação e utilização do espaço, comprovada pela reutilização de elementos arquitetónicos existentes e outros indícios materiais, desde o fim da época medieval até à contemporaneidade.

## **Arqueologia de Oleiros: estado dos conhecimentos**

João Caninas<sup>1</sup>, Francisco Henriques<sup>1</sup>, Mário Monteiro<sup>1</sup>, Paulo Félix<sup>1</sup> e Catarina Anacleto<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Associação de Estudos do Alto Tejo e PIPA Mesopotamos

**Palavras-chave:** carta arqueológica, Oleiros, Beira Baixa, Cordilheira Central

## **Resumo**

Oleiros é um dos seis municípios que integram a actual Comunidade Intermunicipal da Beira Baixa (CIMBB) estando também integrado no Geoparque Naturtejo. Insere-se na parte sudoeste da Cordilheira Central Ibérica, em vasta formação geológica ante-ordovícica dominada por rochas metassedimentares e integra diversos geossítios de interesse regional.

O território deste município abarca o vale superior da ribeira da Sertã (ou de Oleiros), como é mais conhecida, sendo enquadrado a sul pela Serra do Cabeço Rainha (também denominada Serra de Alvélos e Serra da Lontreira, consoante as fontes), a norte pela Serra Vermelha (também denominada de Alvélos), a leste por uma crista quartzítica, denominada Serra do Moradal, e pelo rio Zêzere que o limita também a norte.

Até época recente, este andurrial, o mais montanhoso e remoto espaço da CIMBB, esteve afastado dos circuitos de investigação arqueológica, sendo escassas as referências a vestígios arqueológicos, nomeadamente pré-históricos. De facto, a primeira Carta Arqueológica do



Distrito de Castelo Branco (Francisco Tavares de Proença Jr, 1910) assinala apenas o achado de dez “machados de pedra”, não se sabendo se estiveram associados a sepulturas megalíticas ou a sítios de habitat, e um espaço muralhado atribuído à Idade do Ferro, no Picoto, na extremidade sul da Serra do Moradal.

Mas, entre o espólio do Museu Francisco Tavares de Proença Jr (Castelo Branco), também existe uma pequena estatueta de touro, em bronze, atribuída aos sécs. II-III (Mário Varela Gomes, 2004), cujo achado é localizado na Serra de Oleiros. E outras referências antigas correspondem a uma antiga mina (Cova da Moura) e a dois tesouros monetários atribuídos à época romana (Jorge de Alarcão, 1988).

Em data mais recente, este espaço foi analisado do ponto de vista arqueológico por Carlos Batata, no âmbito de tese sobre a Idade do Ferro e a Romanização entre os rios Zêzere, Tejo e Ocreza (2006), tendo evidenciado a maior significância de vestígios da presença humana a partir do final da Idade do Bronze. E as primeiras escavações executadas por arqueólogo terão incidido em sítio com vestígios de presença romano-visigótica (António Dias Diogo e José Neto, 2000), em Vale do Souto (Mosteiro).

Este atraso no conhecimento arqueológico deste território, quando comparado com espaços vizinhos, terá mudado a partir do século XXI devido, principalmente, às avaliações ambientais de projectos eólicos que motivaram um incremento na identificação de sítios, nomeadamente de estruturas funerárias monticulares, pré-históricas. Contudo, a natureza e a distribuição destas novas ocorrências foram condicionadas pela incidência da pesquisa em posições culminantes, com potencial eólico, em especial na Serra Vermelha.

## **Novos dados para a Carta Arqueológica da Chamusca**

Fernando Coimbra<sup>1,2,3</sup>, Silvério Figueiredo<sup>1,2,3</sup>, Alexandra Figueiredo<sup>2,3</sup>, Pedro Proença<sup>4,5</sup>  
Cunha, Raquel Lázaro<sup>6</sup>, Rita Anastácio<sup>2,3</sup>, António Martins<sup>7</sup>, Mário Santos<sup>1</sup>, Fernanda Sousa<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Centro Português de Geo-História e Pré-História, Largo de São Caetano, 2150-265 Golegã.  
Fernando.coimbra@cpgp.pt, silverio.figueiredo@cpgp.pt; mariosantos@cpgp.pt

<sup>2</sup> Instituto Politécnico de Tomar, Quinta do Contador, Estrada da Serra, 2300-313. Tomar.  
Silverio.figueiredo@ipt.pt, rfanastacio@ipt.pt, alexfiga@ipt.pt

<sup>3</sup> Centro de Geociências da Universidade de Coimbra

<sup>4</sup> MARE – Centro de Ciências do Mar e do Ambiente,

<sup>5</sup> Departamento de Ciências da Terra, Universidade de Coimbra; Rua Sílvio Lima, Univ. Coimbra - Pólo II; 3030-790 Coimbra; pcunha@dct.uc.pt

<sup>6</sup> Câmara Municipal da Chamusca

<sup>7</sup> Instituto de Ciências da Terra (ICT), Departamento de Geociências, Universidade de Évora, Rua Romão Ramalho, 59, 7000-671 Évora; aam@uevora.pt

**Palavras-chave:** Chamusca, prospeção arqueológica, rio Tejo, salvaguarda, Terraços, inventariação

## **Resumo**

Apresentam-se os resultados das prospeções arqueológicas efetuadas no concelho da Chamusca entre agosto de 2016 e abril de 2017. Estes trabalhos, enquadrados no projeto intitulado Carta Arqueológica do Concelho da Chamusca, autorizados pela DGPC e patrocinados pela Câmara Municipal da Chamusca e pelo Centro Português de Geo-história e Pré-História, permitiram identificar novos sítios arqueológicos com cronologias diversas, desde o Paleolítico até ao Período Romano.

No início destes trabalhos foi feito um levantamento dos sítios arqueológicos do concelho na base de dados do Portal do Arqueólogo e um inventário e caracterização de materiais inéditos da Câmara Municipal da Chamusca. Estes materiais resultaram essencialmente dos trabalhos de prospeção realizados após os incêndios de 2003. Os trabalhos de campo realizados pela equipa do CPGP permitiram a relocalização e a recolha de novos materiais arqueológicos em alguns dos sítios referenciados quer no Portal do Arqueólogo, quer nas instituições atrás referidas, bem como a identificação dos novos sítios descobertos.

Ulteriormente foi feita a inventariação e o estudo arqueológico mais pormenorizado dos materiais encontrados, bem como estudos de geoarqueologia visando a contextualização dos sítios pré-históricos identificados nos terraços fluviais/coluviões plistocénicos do rio Tejo e tributários. Foram assim identificados novos sítios do Paleolítico, com destaque para o sítio da Rua da Gamelinha, localizado no terraço T4, datado de entre 340 a 154 mil anos.

## **Elaboração da Carta Arqueológica do Concelho da Golegã - uma síntese após um ano de trabalho**

Silvério Figueiredo<sup>1,2,3</sup>, Pedro P. Cunha<sup>4</sup>, Rita Ferreira Anastácio<sup>2,3</sup>, Mário Santos<sup>1</sup>, Alexandra Figueiredo<sup>2,3</sup>, Sofia Ferreira<sup>1</sup>, Fernando Coimbra<sup>1,2,3</sup>, Fernanda Sousa<sup>1</sup>, António A. Martins<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Centro Português de Geo-História e Pré-História, Largo de São Caetano, 2150-265 Golegã. [silverio.figueiredo@cpgp.pt](mailto:silverio.figueiredo@cpgp.pt); [sofiaferreira@cpgp.pt](mailto:sofiaferreira@cpgp.pt); [ritapimenta@cpgp.pt](mailto:ritapimenta@cpgp.pt); [mariosantos@cpgp.pt](mailto:mariosantos@cpgp.pt)

<sup>2</sup> Instituto Politécnico de Tomar, Quinta do Contador, Estrada da Serra, 2300-313. Tomar. [Silverio.figueiredo@ipt.pt](mailto:Silverio.figueiredo@ipt.pt), [rfanastacio@ipt.pt](mailto:rfanastacio@ipt.pt), [alexfiga@ipt.pt](mailto:alexfiga@ipt.pt)

<sup>3</sup> Centro de Geociências da Universidade de Coimbra

<sup>4</sup> MARE – Centro de Ciências do Mar e do Ambiente, Departamento de Ciências da Terra, Universidade de Coimbra; Rua Sílvio Lima, Univ. Coimbra - Pólo II; 3030-790 Coimbra; [pcunha@dct.uc.pt](mailto:pcunha@dct.uc.pt)

<sup>5</sup> Instituto de Ciências da Terra (ICT), Departamento de Geociências, Universidade de Évora, Rua Romão Ramalho, 59, 7000-671 Évora; [aam@uevora.pt](mailto:aam@uevora.pt)

**Palavras-chave:** Golegã; prospeção arqueológica; Rio Tejo; terraços; inventariação; salvaguarda.

## **Resumo**

Apresentam-se os resultados ao fim de um ano de execução do projecto visando o levantamento arqueológico do Concelho da Golegã, no âmbito da elaboração da carta arqueológica do concelho pelo Centro Português de Geo-História e Pré-História (CPGP), feitos por uma equipa que integra especialistas de Arqueologia, Geologia Sedimentar, Geomorfologia e Datação absoluta.

Até ao início dos trabalhos de levantamento arqueológico feitos pelo CPGP era escasso o conhecimento sobre a arqueologia da área abrangida pelo Concelho da Golegã. Eram apenas conhecidos os dados do Portal do Arqueólogo, em que estavam registados 35 sítios deste concelho.

No início destes trabalhos foi feito um inventário e caracterização de materiais em posse da Câmara Municipal da Golegã (CMG), que eram inéditos. Estes materiais resultaram de algumas ofertas de particulares e de trabalhos efetuados no âmbito de estágios curriculares de arqueologia realizados na autarquia. Dos materiais encontrados em depósito da Câmara Municipal, 4 deles não estavam na base de dados do Endovélico, correspondendo a novos sítios arqueológicos. Para além da CMG foram também identificados sítios do concelho nas coleções do Museu Geológico. Os trabalhos de campo realizados pela equipa do CPGP permitiram a realocação e a recolha de novos materiais arqueológicos em alguns dos sítios referenciados quer no Portal do Arqueólogo, quer nas instituições atrás referidas, bem como a identificação de 8 novos sítios.

Ulteriormente foi feita a inventariação e o estudo arqueológico mais pormenorizado dos materiais encontrados, bem como estudos de geoarqueologia visando a contextualização dos sítios pré-históricos identificados nos terraços fluviais/coluviões plistocénicos do rio Tejo e tributários. Foram assim identificados sítios do Paleolítico, Calcolítico, e Neolítico, bem como da Idade do Ferro, Idade do Bronze, do período Romano e do Moderno.

Para além de várias formas de divulgação dos resultados deste trabalho de investigação, desde a população do Concelho a um meio científico especializado, está em preparação a publicação desta Carta, sob a forma de um livro que inclui diversas figuras de caracterização.

## **Valorização da Chamusca Arqueológica**

Raquel Lázaro<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Município da Chamusca; Instituto de Estudos Medievais da Universidade Nova de Lisboa, raquel.m.s.l@hotmail.com

**Palavras-chaves:** Ribatejo, Património Arqueológico, Educação Patrimonial, Divulgação Patrimonial.

## **Resumo**

Nos últimos anos o Município da Chamusca tem feito uma forte aposta na área da Arqueologia. Este território apresenta um património histórico e arqueológico considerável, apesar de que para muitos se trata de um património “invisível”. Para reverter a forma de como o património arqueológico é encarado e tratado pela sociedade local, o Município tem vindo a consolidar e a legitimar uma política efetiva de proteção, salvaguarda e valorização do património arqueológico.

A par da elaboração da Carta Arqueológica que se está a concretizar, o Município focou-se a proporcionar um investimento direto e específico em atividades ligadas à educação patrimonial, chegando assim às camadas mais jovens da população local. A elaboração de programas de sensibilização e divulgação, para um público não especializado, promovidos e apoiados pelo Município têm sido fundamentais para tornar a Arqueologia acessível a toda a população.

Mediante um projeto adaptado à própria comunidade, com uma estratégia estruturada para a inclusão gradual do património arqueológico que contribui diretamente para o desenvolvimento e valorização do património. A Arqueologia no Concelho da Chamusca, começa assim a ser visível e a ter o seu “espaço” na sociedade local.

## **Chamusca 2002/2003 – vestígios arqueológicos na Mãe d’Água**

Ana Graça<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Instituto Politécnico de Tomar

**Palavras-chave:** Mãe d’Água, Carregueira, prospeção, arqueológica.

### **Resumo**

A realização de trabalhos arqueológicos no concelho da Chamusca, no âmbito de trabalhos de curso e de estágio, permitiu a identificação preliminar de um potencial sítio arqueológico. Apresenta-se, sumariamente, os dados recolhidos à época, como, os indicadores do concelho, o trabalho de prospeção desenvolvido, o sítio de Mãe d’Água, o material recolhido *in situ* e algumas conclusões pertinentes.

## **As Freguesias de Ulme e Carregueira: da pré-história à atualidade**

Mário Santos<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Centro Português de Geo-História e Pré-História

**Palavras-chave:** Paleolítico, história, Chamusca, património

### **Resumo**

Nesta comunicação iremos abordar o património de Ulme e Carregueira. Ulme era um antigo concelho, mas atualmente é uma freguesia do concelho da Chamusca. Esta freguesia foi fundada por *Ulm*, que aqui se refugiou na altura das invasões romanas. A história de Ulme não começa aqui, este território, já era ocupado desde tempos mais remotos, disso há evidências através de vestígios da presença humana em Ulme no Paleolítico, que está identificada, por exemplo em Famão, onde, no decorrer dos trabalhos de prospeção da Carta Arqueológica da Chamusca foram encontrados vestígios referentes a esse período. De

períodos mais recentes destaca-se sobretudo o património religioso. A Carregueira, outra das freguesias deste Concelho, possui uma das mais importantes estações arqueológicas do Concelho, o Alto do Carrinho, que foi estudado e publicado por alguns arqueólogos portugueses de renome. Também aqui o património religioso, ocupa especial destaque com predominância para a igreja de S. Marcos.

## **Uso de Drones e Fotogrametria para o Estudo e Divulgação do Património**

João Belo<sup>1</sup>

<sup>1</sup>FlyGIS – UAV Surveys

**Palavras chave:** Drones, fotogrametria, arqueologia, divulgação do património

### **Resumo**

A fotogrametria convencional é uma técnica antiga que se veio desenvolvendo desde a 1ª Guerra Mundial com enorme sucesso e, posteriormente, usada na produção de cartografia e extração de informação geográfica e altimétrica. Atualmente, os diversos avanços tecnológicos da era digital, com sensores, *hardware* e *software* cada vez mais potentes e baratos, possibilitaram a aplicação da fotogrametria digital em áreas diversas e a escalas cada vez maiores. Mais recentemente, a utilização de Drones veio permitir a captação de imagens aéreas com elevada resolução espacial de forma simples e a um baixo custo. Estas duas tecnologias utilizadas conjuntamente apresentam elevada capacidade para o registo, análise e divulgação do património e fazem desta técnica uma ferramenta essencial, por exemplo em trabalhos de arqueologia. São brevemente apresentadas diferentes tecnologias capazes de fazer face às necessidades em trabalhos de arqueologia e património, dando maior enfoque na fotogrametria digital, pelo elevado nível de automatização, pelos excelentes resultados conseguidos e os baixos custos praticados. Mostram-se alguns exemplos práticos de como os resultados obtidos ajudam a dinamizar o estudo e a divulgação do património. Abordam-se as suas principais vantagens e desvantagens, comparando-as a outras técnicas possíveis. A musealização digital, onde os artefactos e objetos de estudo ficam armazenados em bases de dados, a possibilidade de reconstituição em ambientes de realidade virtual e a maior interatividade propiciada ao utilizador, consideram-se um excelente caminho para a sensibilização e divulgação do património ao público em geral. Conclui-se que esta técnica exige ter conhecimento técnico para o seu manuseio, mas apresenta diversas vantagens como automatização e rapidez no registo, a obtenção de dados precisos para estudo e realização de análises e para produção de documentos e modelos realísticos distintos para divulgação.

# À procura da cronologia das Pinturas Rupestres da Bacia do Tejo.

Pierluigi Rosina<sup>1</sup> Sara Garcês<sup>2</sup> Hipólito Collado<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Instituto Politécnico de Tomar; Grupo Quaternário e Pré-História do Centro de Geociência (u. ID73-FCT); Instituto Terra e Memória;

<sup>2</sup> Grupo Quaternário e Pré-História do Centro de Geociência (u. ID73-FCT); Instituto Terra e Memória;

<sup>3</sup> ACINEP, Instituto de Estudos Pré-Históricos (Espanha); Grupo Quaternário e Pré-História do Centro de Geociência (u. ID73-FCT); Instituto Terra e Memória

**Palavras-Chave:** Datações, Portugal, Pré-História, Arte

## Resumo

A atribuição cronológica da arte rupestre é um dos focos na investigação arqueológica não só em Portugal, mas em todo o mundo. Na Bacia do Tejo existe (sobretudo na parte portuguesa) essencialmente arte esquemática relacionada com sociedades que viveram ao longo do Holocénico. O desafio passa por correlacionar as manifestações artísticas com as diferentes sociedades pós-paleolíticas (principalmente Neolíticas, Calcolíticas, e da Idade do Bronze). Análises arqueométricas realizadas no âmbito de vários projectos (nacionais e internacionais) permitiram constituir um plano de recolha de amostras para efectuar datações com vários métodos (AMS, OSL, ESR) que aqui se apresenta.

## Un estudio epigráfico de las devociones femeninas en el *conventus*

### *Scallabitanus*

María Pilar Molina Torres<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidad de Málaga (Departamento de Ciencias Históricas); Universidad de Córdoba (Departamento de Didáctica de las Ciencias Sociales).

**Palabras clave:** Lusitania, epigrafía, religión, creencias, devota.

## Resumo

El imaginario religioso de una mujer hispanorromana reproducía un singular sistema de creencias que acogió a divinidades de distinta naturaleza. Por lo general su especial preferencia por el culto a deidades femeninas relacionadas con la salud y su protección personal debió atribuirse a las circunstancias específicas de la creyente. De hecho, un rasgo común que comparten las devotas de Hispania es su preocupación por la salud de sus familiares cercanos e incluso de sus patronos, aunque el motivo específico y real de la petición lo desconocemos porque raramente se concreta. Esto supuso que las mujeres tuvieran cierta predilección por dioses salutíferos que se asocian a una promesa por la salud de un familiar consanguíneo. Para ello conservaron preferentemente sus usos locales vinculados a su esfera tradicional y en consecuencia cercana a sus hábitos privados.

Asimismo, no es excepcional que las ofrendas realizadas por mujeres de núcleos geográficos en su mayoría rurales veneren a dioses romanos con un epíteto local que explicaría en buena medida las características del ámbito territorial donde se da culto a estas divinidades. Estos indicios de pervivencias de un pasado prerromano que seguía estando presente en los epígrafes votivos de las dedicantes suponen una integración de las devociones locales con las oficiales, y a su vez la introducción de un modelo religioso que no excluyó a sus dioses tradicionales. Sin embargo, este sistema de creencias antiguo quedó claramente reducido a áreas marginales peninsulares y sus usos religiosos se transformaron y perdieron su esencia originaria, lo que nos limita para conocer la situación real de su pervivencia. En esta línea, mi intervención se centrará en mostrar la situación de la mujer hispanorromana dentro de esta transformación cultural y cultural que en muchos casos determinó la elección de sus devociones tanto en el ámbito público como en el personal.

## Reticulado na Margem Direita do Rio Ponsul

Nuno Pires<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Centro Português de Geo-História e Pré-História

**Palavras-Chave:** Arte Rupestre; Idanha a Nova, Pré-História

### Resumo

O rio Ponsul nasce na Serra do Ramilo, no concelho de Idanha a Nova e desagua na margem direita do rio Tejo, galgando um extenso território entre os concelhos de Idanha a Nova e de Castelo Branco. As suas margens são escarpadas e em forma de V, sendo também compostas por afloramentos de xisto que se estendem ao longo delas. É num desses afloramentos na margem direita do rio, que se encontra a gravura de motivo retangular, com os cantos arredondados, gravada em picotado grosso e exibindo uma área total de 10 por 15 cm. O seu interior, encontra-se dividido por uma linha vertical e 2 linhas horizontais totalizando 6 espaços, constituindo um reticulado. Em termos cronológicos, o período atribuível à gravura pode ir desde a Idade do Bronze à Idade do Ferro. O local foi visitado ao longo dos anos por diversas equipas multidisciplinares da região, mas no entanto, não existe qualquer referência à gravura, tornando-a por isso inédita.



# Resultados de Alta Qualidade Persistem Através do Tempo



Datação por Radiocarbono  
Desde 1979

[www.radiocarbon.com](http://www.radiocarbon.com)



Beta Analytic Inc.

Organização



Co-organização



Patrocínio



Parcerias

